

ALGUNS ASPÉCTOS HISTÓRICOS DO BILINGÜISMO NO PARAGUAI

Judith Chambliss Hoffnagel

da Universidade Federal de Pernambuco

Historicamente, duas são as principais consequências sociológicas resultantes do contato entre línguas numa dada comunidade de fala. Primeiro, um bilingüismo indefinidamente prolongado, tal que ambas as línguas continuam a ser aprendidas, embora provavelmente, em diferentes contextos e para diferentes funções. Segundo, uma das duas línguas cair em desuso de tal maneira que venha a ser cada vez menos aprendida até não ter nenhum novo falante. ¹ Vendo a América Latina como um todo, o resultado do contato entre línguas identifica-se mais com a última das alternativas acima sugeridas. Embora a maioria dos países na América Latina ainda inclua comunidades de fala de uma ou mais línguas aborígenes, o Paraguai é o único país em que uma língua indígena é falada pela maioria da população. Em todos os outros países latinoamericanos as línguas indígenas estão em posição secundárias. Normalmente são as línguas das classes mais baixas ou dos grupos indígenas ainda sobreviventes. De fato, em muitas áreas o mais importante critério usado para distinguir índio de não-índio é a língua falada. As pessoas monolíngües numa língua indígena são índios; já as bilingües não o são. Em alguns casos, costuma-se dizer que um indivíduo pode subir socialmente de índio para mestiço ao aprender espanhol, ou seja, o principal obstáculo à mobilidade social é a língua. ²

Contrariamente, o Paraguai dá considerável importância ao guarani, sua língua aborígine, ³ Aproximadamente 92% da população é capaz de falar o guarani. ⁴ Para

os paraguaios, o guarani é um símbolo de nacionalismo. Garvin e Mathiot escrevem que para os paraguaios,

"os que falam guarani são paraguaios, os que falam apenas espanhol — embora vivam no Paraguai — não o são. São considerados estrangeiros e são chamados de 'gringos'. Até mesmo os paraguaios que falam mais espanhol em casa falarão guarani quando se encontrarem fora porque como disse um de nossos informantes, "nos acerca más de nuestra tierra" 5

É importante notar que essa identificação é com a língua e não com a cultura indígena. 6 Por exemplo, imigrantes que aprendem guarani são aceitos como paraguaios. Nas palavras de Justo Pastor Benítez, um escritor e historiador paraguaio, "La iniciación se realiza por el idioma guarani, vehículo de la identificación nacional." 7

Podemos perguntar por que é que o Paraguai é o único país na América Latina que desenvolveu tal grau de bilingüismo? Em algumas áreas, tais como Brasil e México, houve tantas línguas indígenas que o português e o espanhol se tornaram as línguas francas; em outras, como Argentina e Chile, houve tão pouco contato prolongado com os grupos indígenas que a população indígena quase não entrou na vida colnial.

Porém, Perú, Bolívia e Equador, entre outros, estavam essencialmente na mesma posição do Paraguai — uma grande população indígena falando uma só língua e em contato íntimo com os colonizadores espanhóis. É na história particular do Paraguai que achamos uma resposta.

A análise de Elman Service das relações Espanhol-Guarani durante o período colonial nos oferece algumas sugestões para explicar a diferença entre o Paraguai e as outras nações latino-americanas. 8

De grande importância é o fato de que os Guaranis nunca foram conquistados pelos espanhóis. Em vez de lutar contra os espanhóis aliaram-se a eles para destruir as tribos Chaco com as quais ambos tinham dificuldades. Como parte da aliança, mulheres guarani foram dadas aos soldados espanhóis como esposas, concubinas ou serventes. Ao parentes das mulheres guarani que lhes garantiam um fornecimento de mão de obra parentes das mulheres guarani que lhes garantiam um fornecimento de mão de obra e comida.

Outro fator que ajudou na relação entre os espanhóis e as índias era a falta de mulheres espanholas. Visto que as primeiras expedições ao Paraguai não tinham a pretensão de colonizar mas de procurar ouro e prata, poucas mulheres foram incluídas. Service nota que "somente 12 espanholas foram registradas durante os primeiros vinte anos da colonização do Paraguai..." 9

Na ausência de mulheres espanholas, o casamento e a concubinação com as mulheres guarani, resultou numa grande população mestiça no Paraguai mais cedo do que nos outros países latinoamericanos. 10 Essa nova geração, em sua maioria, aprendeu guarani das mães e parentes índios.

Outra circunstância que afetou a relação entre espanhóis e guarani foi o isolamento do Paraguai das vias normais de comércio com as outras colônias e com a Espanha. A ausência de recursos minerais ou outra riqueza mercável, contribuiu para o isolamento comercial. Estes fatores também impediram o desenvolvimento de uma grande classe de comerciantes, de modo que as grandes diferenças de classe praticamente não ocorreram no Paraguai, pelo menos no mesmo grau que nas outras colônias. 11

O fato de haver tão pouca riqueza no Paraguai resultou em pouquíssimo interesse da parte dos espanhóis peninsulares. Com isso, a população governante foi, muito cedo, predominantemente mestiça. A medida em que o inter-casamento continuou, o número de índios puros diminuiu. Como Service aponta,

"Uma das importantes consequências da forma incomum da colonização do

Paraguai foi o fato de que, os poucos espanhóis, os muitos mestiços e os índios aculturados chegaram a formar uma nação real e culturalmente independente, com instituições distintas muito mais cedo do que a maioria das outras áreas da América do Sul. . . Como aconteceu no começo de uma consciência nacional na maioria dos países do mundo, um orgulho de língua ou dialeto foi exaltado. A grande preponderância de mestiços que falavam guarani naturalmente resultou na preferência pela língua guarani. . . 12

A história paraguaia desde sua independência revela dois fatores que têm apoiado a ampla e contínua utilização da língua guarani apesar de espanhol ser a língua oficial. Estes fatores são: 1) a relativa isolamento do Paraguai dos outros países latino-americanos e europeus, e 2) o envolvimento de Paraguai em duas guerras. Após da independência em 1811, os líderes paraguaios tentaram estabelecer relações econômicas e culturais com seus vizinhos e com alguns países europeus. As dificuldades encontradas levou o ditador, Francia, a fechar as fronteiras do Paraguai a qualquer contato. Isto, efetivamente, preveniu qualquer desenvolvimento socio-econômico. 13

Na Guerra de 1865, Paraguai lutou contra Brasil, Uruguai e Argentina. Um das forças unificadoras desta guerra foi o uso da língua guarani como um símbolo da unidade paraguaia frente aos inimigos. 14

A outra guerra em que a língua guarani parece ter desempenhada um papel importante foi a Guerra do Chaco de 1932-35. Durante a guerra, o governo, por razões de segurança, proibiu o uso de espanhol no campo de batalha e a associação entre o nacionalismo paraguaio e a língua guarani foi reforçada. Os informantes de Garvin e Mathiot relataram que durante a Guerra do Chaco, os soldados paraguaios que teriam reagido letargicamente as ordens em espanhol, as obedeceram em guarani com entusiasmo. 15

Assim, estes dois fatores — a relativa isolamento do país e o uso da língua guarani durante duas guerras — contribuíram para que o Paraguai fosse a única nação americana que possui uma língua indígena que é falada por quase todos seus habitantes. De fato, os paraguaios, segundo Garvin e Mathiot, se consideram "um modelo para outras nações latinoamericanas na sua busca para individualização nacional." 16

A situação atual do bilingüismo no Paraguai foi investigada exaustivamente por Joan Rubin. 17 Os pontos mais importantes do seu estudo será resumido para ilustrar como funciona o bilingüismo no Paraguai de hoje.

Numa abordagem sócio-cultural, Rubin analisa quatro aspectos do comportamento extra-lingüístico no Paraguai: 1) atitudes; 2) aquisição e proficiência; 3) estabilidade; e 4) uso. O estudo de Rubin foi baseado principalmente em dados coletados na cidade interioriana de Luque e uma área rural vizinha chamada Itapuami. Informação adicional foi coletada na capital, Asunción.

Atitudes: Em relação às atitudes, Rubin descobriu que os paraguaios são um tanto ambivalentes em suas atitudes para com ambas as línguas. Assim, ela notou que "o bilingüe que prefere usar espanhol, normalmente reconhece a importância do guarani para o país" e "o falante bilingüe que prefere usar guarani, normalmente reconhece a importância internacional do espanhol, econômica e culturalmente. 18 O falante monolingüe do guarani, entretanto, é muitas vezes depreciado como sendo deseducado e inculto.

Guarani parece ser a língua mais associada com a idéia de lealdade lingüística. Como a lealdade é demonstrada ao defender a língua, e poucos paraguaios atacam o valor da língua espanhola, ela raramente precisa duma defesa. A língua guarani, entretanto, ora é frequentemente desdenhada, ora defendida com vigor. Contudo, com o apoio recente do Governo para uma campanha pro-guarani, o que o identifica com o interesse e o caráter nacional, o guarani hoje em dia sofre menos ataques do que à 30 ou 40 anos atrás.

Ambas as línguas são objetos de orgulho. Desde que o guarani é a língua materna de uma maioria de paraguaios ela é talvez mais falada em termos de orgulho. Rubin atribuiu isto também ao fato de que o guarani é a língua mais frequentemente atacada e por isso mais falada em termos de seus méritos.

O espanhol é a língua de prestígio (prestígio em termos do valor da língua para o avanço social). Nunca se aprende guarani para subir socialmente, enquanto o conhecimento do espanhol pode ajudar uma pessoa a melhorar seu status social. 19 O espanhol é a língua oficial do Paraguai. Todos os documentos públicos, incluindo a constituição estão escritos em espanhol. O espanhol é usado oficialmente em todas as repartições públicas, na legislatura, nas cortes e nas escolas. O guarani é, entretanto, muitas vezes substituído extra-oficialmente, especialmente nas áreas rurais.

Aquisição e Proficiência: Mais paraguaios aprendem espanhol como segunda língua que guarani. Isto é devido ao fato de que o guarani é aprendido em casa e o espanhol nas escolas. Nas áreas rurais, aqueles que não frequentam a escola aprendem muito pouco espanhol. Por outro lado, a maioria dos paraguaios aprendem o guarani. Com mais paraguaios frequentando as escolas o número de bilingües está aumentando. Aqueles que vivem nas áreas urbanas são mais proficientes em espanhol do que aqueles das áreas rurais, principalmente por que há mais oportunidade de usá-la.

Nas áreas urbanas, a classe social determina, até certo ponto, qual língua se aprende primeiro, correlacionando o espanhol com as classes superiores e o guarani, com as classes mais baixas.

Estabilidade: A análise da estabilidade das línguas espanhol e guarani feita por Rubim mostra que, enquanto uma mudança de língua (language shift) está tomando lugar no Paraguai, não há preferência por uma ao detrimento da outra, mas um aumento no uso de ambas as línguas por indivíduos. Muitas pessoas agora aprendem as duas línguas em casa, em vez de aprender primeiro o guarani em casa e depois o espanhol na escola. 20.

Uso: Em termos de uso, Rubin isola cinco variáveis como importantes na predição do uso de língua no Paraguai. Elas são: 1) local de interação; 2) a formalidade ou informalidade da interação; 3) o grau de intimidade entre os falantes; 4) o grau de seriedade do discurso; e 5) o sexo dos falantes.

Com referência ao local, se a interação toma lugar numa área rural, o guarani é a norma. Fora da área rural, a norma não é tão clara e o uso parece oscilar segundo outras variáveis. Em termos da variável formalidade-informalidade, o espanhol é usado nas ocasiões formais e o guarani nas informais. Formalidade se refere a "um conjunto limitado de comportamento esperado" e informalidade à "gama normal de comportamento permitido." 21 Assim, por exemplo, algumas interações formais consistiriam em: relação médico-paciente, relação professor-aluno, relação com uma autoridade e relação padre-paroquiano.

A variável, grau de intimidade, é relevante somente para contextos urbanos e informais, desde que os contextos rurais e formais já são definidos com exigindo guarani e espanhol, respectivamente.

Para muitos paraguaios, o guarani é a língua de intimidade indicando solidariedade ou identidade entre falantes, ao passo que espanhol indica mero conhecimento. Uma mudança na língua escolhida pode acontecer a medida em que a intimidade entre os falantes progride.

A quarta variável que influencia o uso é o grau de seriedade do discurso. Em geral, as piadas são expressas em guarani. Raiva é mais frequentemente expressa na língua adquirida primeiro pelo indivíduo.

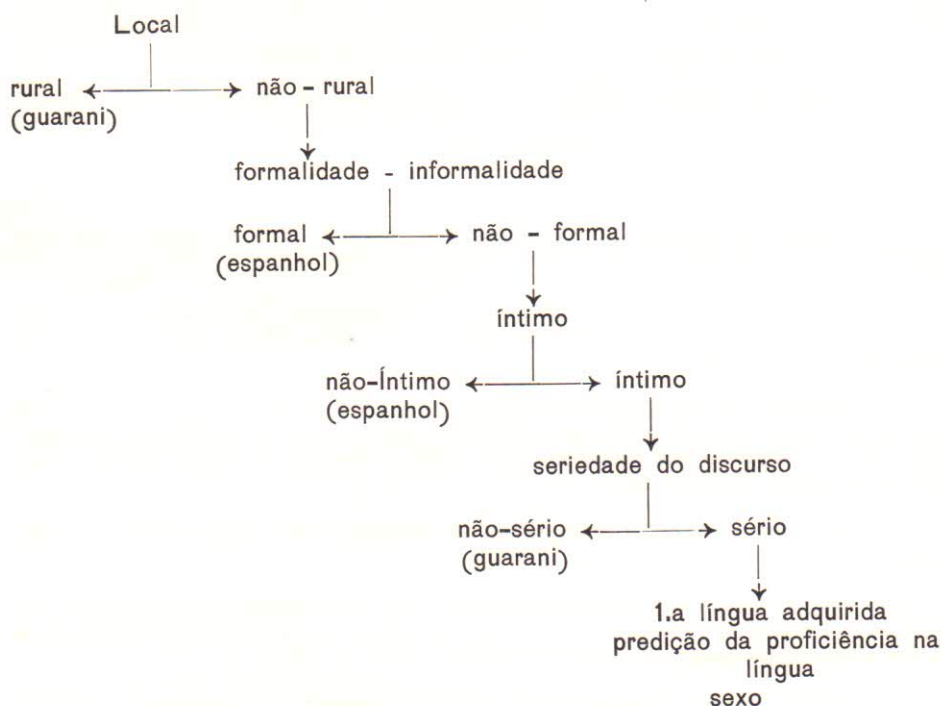
O sexo do falante também parece influenciar a escolha da língua. Os homens

cuja primeira língua era o espanhol (ou ambas) tendem a usar mais guarani com outros homens mas o espanhol com as mulheres. As mulheres, entretanto, cuja primeira língua era espanhol (ou ambas) tendem a usar mais espanhol com ambos, homens e mulheres.

Além das cinco variáveis já mencionadas, outros fatores tendem a influenciar a escolha de língua em certas situações. Pressão das escolas para usar mais espanhol em casa; isto é, os pais são incentivados a usarem mais espanhol com seus filhos para dar-lhes mais oportunidade de praticar a língua. Alguns pais falam espanhol com seus filhos durante os anos que estudam e voltam a usar guarani quando terminam os estudos.

A avaliação de proficiência lingüística do destinatário muitas vezes determina qual das línguas é usada. Assim, por exemplo, os informantes de Rubin, diziam que eles usariam o guarani ao falar com "uma mulher vestida numa saia longa e fumando um grande charuto preto," porque a mulher provavelmente seria do interior e monolíngüe em guarani.

Rubin oferece o seguinte quadro para ilustrar o conjunto de dimensões ordenadas na escolha duma língua. 22 O lado esquerdo do quadro sempre resulta numa resolução duma oposição binária e indica a escolha de uma das línguas.



Conclusão: O bilingüismo tem mais de 300 anos de existência no Paraguai. Segundo Rubin, 92% da população fala guarani e 52% é bilingüe. Durante os últimos 30 anos, mais pessoas se tornaram bilingües devido ao aumento de escolas e melhores estradas. Estes dois fatores permitem mais mobilidade e conseqüentemente mais interação rural-urbano. Podemos perguntar se a evidência sugere que vai continuar este equilíbrio entre

as duas línguas — o espanhol e o guarani — ou será que uma, eventualmente, venha substituir a outra completamente?

Diebold nota que na maioria dos casos de bilingüismo não existe um equilíbrio. 23 Em vez disso, mais falantes de um grupo de fala se tornam bilíngües. Isto certamente é típico da maioria dos países latinoamericanos. No Perú, por exemplo, poucos são os falantes monolíngües em espanhol que aprendem quechua embora muitos falantes de quechua aprendam espanhol. No Paraguai, mesmo havendo um aumento no número dos que aprendem o espanhol, não há evidência de um declínio no número dos que aprendem o guarani.

Uma das razões para isso é, sem dúvida, a associação de nacionalismo com a língua guarani. Uma indicação do orgulho que muitos paraguaios sentem por sua língua indígena é o movimento para a estandardização da língua guarani. 24

Uma outra razão para prever um equilíbrio prolongado entre as duas línguas é o fato de existir um padrão de uso bem definido. Em algumas situações somente o guarani é considerado correto, e em outras, somente o espanhol. Entre estes dois polos há uma área de livre escolha que depende de muitas variáveis tais como a primeira língua adquirida, seriedade de discurso, formalidade da situação e classe social, entre outras.

O fator que eu acho que podia afetar o equilíbrio do bilingüismo no Paraguai, é a natureza do contato que o país tem com o resto da América Latina. Se o Paraguai tornar-se menos isolado, mais industrializado e mais urbano, há uma chance de o espanhol vir a ser dominante ao ponto de uma eventual exclusão da língua guarani.

Por enquanto, contudo, parece que a tendência é na direção de uma situação altamente bilíngüe em que há pouca possibilidade de qualquer mudança na direção de um monolíngüismo — ou de espanhol ou de guarani.

NOTAS

1. Richard A. Diebold, Jr., "Incipient Bilingualism", in Dell Hymes (ed.), **Language in Culture and Society** (New York, Harper and Row, 1964), p. 497.

2. Richard A. Diebold, Jr., "Mexican and Guatemala'an Bilingualism", in Frank Rice (ed.), **Study of the Role of Second Language in Asia, Africa, and Latin America** (Washington, D.C., 1962), p. 2.

3. Guarani é o nome dado ao Tupi de Paraguai. Um dos grupos Tupinambá da costa sul do Brasil que migraram para o interior para a moderna república de Paraguai. Veja, Julian H. Steward and Louis C. Faron, **Native Peoples of South America** (New York, McGraw-Hill, 1959), p. 330.

4. Joan Rubin, **National Bilingualism in Paraguay** (The Hague, Mouton, 1968), p. 22.

5. Paul L. Garvin and Madeleine Mathiot, "The Urbanization of the Guarani Language — A Problem in Language and Culture", in Joshua A. Fishman (ed.), **Readings in the Sociology of Language** (The Hague, Mouton, 1968), p. 369.

6. Apesar do que Steward chama "o mito guarani" — o estereótipo irrealista que os paraguaios são essencialmente um povo indígena: que a herança cultural, lingüística, física ou biológica do povo moderno é derivado dos índios guaranis — um estudo de Paraguai por Elman e Helen Service mostra que quase a única coisa que resta da cultura guarani é a língua mesma. Veja, Julian H. Steward, "Foreword" in Elman R. Service e Helen S. Service, **Tobati: Paraguayan Town** (Chicago, University of Chicago Press, 1954), p. v.

7. Garvin e Mathiot, "Urbanization", pp. 369-370.

8. Elman R. Service, **Spanish-Guarani Relations in Early Colonial Paraguay** (Ann Arbor, University of Michigan Press, 1954).

9. *Ibid.*, p. 32.

10. As estimativas de quantas mulheres cada espanhol tinha variam bastante. Alguns relatórios dizem que a média era vinte esposas por homem, mas olhando aos documentos históricos não parece muito provável. O número provavelmente variava com a posição do conquistador. Irala, o governador da colônia paraguaia tinha pelo menos sete esposas. Seu testamento deixou herança para os filhos destas e especificamente nomeou as mulheres. É possível, claro, que ele podia ter tido outras que ou não tinham filhos ou cujos filhos ele não reconheceu. Service, **Spanish-Guarani Relations**, p. 35.

11. *Ibid.*, p. 92.

12. *Ibid.*, pp. 96-97.

13. Rubin, **National Bilingualism** pp. 24-25

14. *Ibid.*, p. 27, citando Centurión, 1844. Rubin aponta que entre a Guerra de 1865 e a Guerra do Chaco houve uma atitude ambivalente com respeito à língua guarani. Ela atribui esta atitude ao fato de que Paraguai foi controlado por Brasil e Argentina depois da Guerra. Muitos paraguaios que tinham estado em exílio em Argentina voltaram e trouxeram com eles o desprezo argentino para com as línguas indígenas. Por muitos anos tudo argentino foi emulado — o sistema educacional, o código civil, o sistema judicial. Durante os anos entre as guerras o número de escolas aumentou e a língua espanhola foi enfatizada. A maioria dos paraguaios, contudo, ficaram fora da influência das escolas e continuaram a falar guarani. Algo paradoxicalmente, foi nesta época que surgiu uma considerável literatura escrita em guarani — especialmente poesia.

15. Garvin e Mathiot, "Urbanization", p. 372.

16. *Ibid.*, p. 370

17. Rubin, **National Bilingualism**.

19. É importante assinalar que somente o conhecimento de espanhol não é suficiente para avançar socialmente. Outros fatores são de igual importância — riqueza, educação, residência. Isto difere da situação descrita por outros países em América Latina discutido na primeira parte deste trabalho.

20. O espanhol e o guarani estão numa relação parecida a que Ferguson chama **diglossia**, onde duas línguas em vez de duas variedades de uma língua "existem lado ao lado por toda a comunidade com cada uma tendo um papel definido a desempenhar." Isto, sem dúvida, ajuda manter a relativa estabilidade entre as duas línguas. Ferguson se refere especificamente a duas variedades de uma língua, mas chama a situação de duas línguas, relacionadas ou não, desempenhando distintos papéis, análoga. Charles A. Ferguson, "Diglossia", in Dell Hymes (ed.), **Language in Culture and Society** (New York, Harper and Row, 1964), p. 429.

21. Joan Rubin, "Bilingual Usage in Paraguay", in Joshua A. Fishman (ed.), **Readings in the Sociology of Language** (The Hague, Mouton, 1968), p. 522.

22. *Ibid.*, p. 526.

23. Diebold, "Incipient Bilingualism", p. 196.

24. Garvin e Mathiot, "Urbanization", p. 372.

BIBLIOGRAFIA

- Diebold, Jr., A. Richard. "Incipient Bilingualism," in Dell Hymes (ed.), **Language in Culture and Society**. New York, Harper, and Row, 1964.
- "Mexican and Guatemalan Bilingualism", in Frank Rice (ed.), **Study of the Role of Second Language in Asia, Africa, and Latin America**. Washington, D. C., 1962.
- Ferguson, Charles A. "Diglossia", in Dell Hymes (ed.), **Language in Culture and Society**. New York, Harper and Row, 1964.
- Garvin, Paul L. e Mathiot, Madeleine. "The Urbanization of the Guaraní Language — A Problem in Language and Culture", in Joshua A. Fishman (ed.), **Readings in Sociology of Language**. The Hague, Mouton, 1968, pp. 365-374.
- Mackey, William F. "The Description of Bilingualism", in Joshua A. Fishman (ed.), **Readings in the Sociology of Language**. The Hague, Mouton, 1968.
- Rice, Frank (ed.), **Study of the Role of Second Language in Asia Africa and Latin America**. Washington, D. C., 1962.
- Rubin, Joan. "Bilingual Usage in Paraguay", in Joshua A. Fishman (ed.), **Readings in the Sociology of Language**. The Hague, Mouton, 1968, pp. 512-530.
- **National Bilingualism in Paraguay**. The Hague, Mouton, 1968.
- Service, Elman R. **Spanish-Guaraní Relations in Early Colonial Paraguay**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1954.
- Service, Elman R. e Service, Helen S. **Tobatí; Paraguayan Town**. Chicago, The University of Chicago Press, 1954.
- Steward, Julian H. "Foreward", in Elman R. Service e Helen S. Service. **Tobatí; Paraguayan Town**. Chicago, The University of Chicago Press, 1954.
- Steward, Julian H. e Faron, Louis C. **Native Peoples of South America**. New York, McGraw-Hill, 1959.